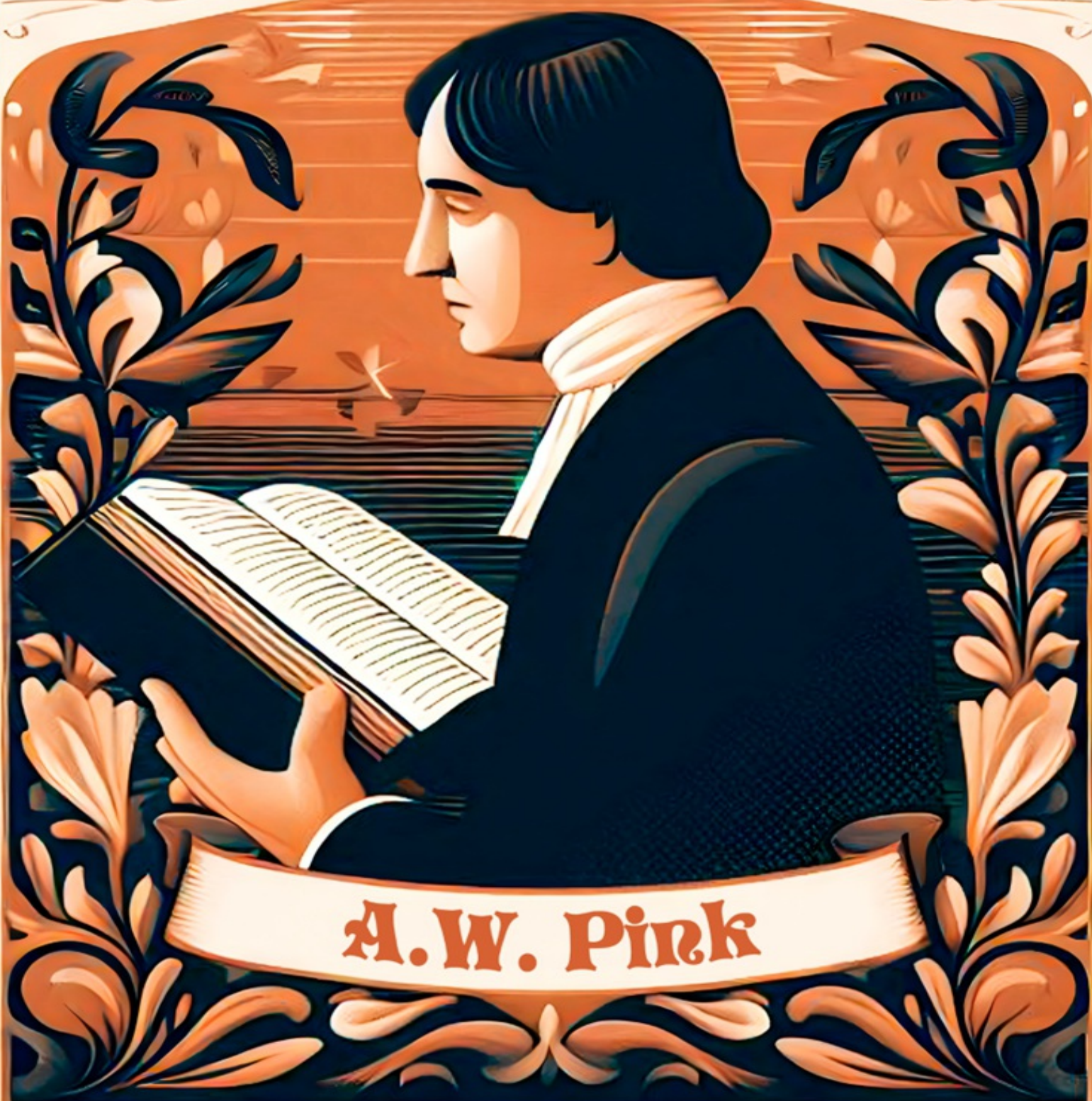




ARREPENDIMENTO



A. W. Pink



O Estandarte de Cristo
Editora

Conselho editorial: Pr. Fernando Angelim
Pr. Jorge Rodríguez
Pr. Josué Meninel
Pr. Marcus Paixão
Editor: William Teixeira

Título Original
Repentance
Por A.W. Pink



Copyright © 2023 Editora O Estandarte de Cristo
Francisco Morato, SP, Brasil



1ª edição em português: 2024.



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora O Estandarte de Cristo. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.



Salvo indicação em contrário e leves modificações, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Nova Almeida Atualizada | NAA • 3ª Edição •
Copyright © 2016 • Sociedade Bíblica do Brasil.



Tradução: William Teixeira
Revisão de tradução: Camila Rebeca Teixeira
Revisão ortográfica: Edson Sales
Capa: William Teixeira e Kaiky Reis



Visite: OEstandarteDeCristo.com



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

	Pink, A. W.
P655a	Arrependimento [livro eletrônico] / A. W. Pink; tradução William Teixeira. – Francisco Morato, SP: O Estandarte de Cristo, 2024..
	Formato: Mobi
	Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions
	Modo de acesso: World Wide Web
	Título original: Repentance
	ISBN 978-65-00-97554-3
	1. Arrependimento – Aspectos religiosos. 2. Cristianismo. 3. Puritanismo. I. Título.
	CDD 234.5
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Conheça outros por A.W. Pink publicados pela Editora O Estandarte de Cristo



Sumário

Introdução

1

A Necessidade do Arrependimento

A Malignidade do Pecado

O Que é o Arrependimento?

2

A Natureza do Arrependimento

A Definição Completa e Formal de Arrependimento

O que Acompanha o Verdadeiro Arrependimento

3

As Implicações do Arrependimento

A Lei de Deus Jamais foi Revogada

As Escrituras Mencionam Três Tipos de Arrependimento

Spurgeon sobre o Arrependimento

4

Os Frutos do Arrependimento

Resumo

Introdução

Uma das características preditas divinamente dos “tempos difíceis” em que vivemos atualmente é que “perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (2 Timóteo 3:13). A referência mais profunda dessas palavras é aos sedutores e enganadores espirituais. Pessoas com personalidades cativantes, que ocupam um lugar proeminente no cristianismo e que aparentam uma profunda reverência pelas Escrituras Sagradas, estão iludindo almas com um erro fatal. Não apenas os evolucionistas, os adeptos da alta crítica e os modernistas estão enganando multidões de nossos jovens com suas mentiras açucaradas, mas também alguns que se apresentam como defensores da ortodoxia e se vangloriam de sua capacidade de “manejar bem a Palavra da verdade” estão envenenando as mentes de muitos para a sua destruição eterna.

Com efeito, uma acusação como a que acabamos de fazer é séria e não deve ser prontamente aceita sem que se apresentem provas que a fundamentem. No entanto, as provas podem ser fornecidas com facilidade. A Palavra de Deus ensina claramente que, nesta dispensação, assim como nas anteriores, Deus exige um arrependimento profundo e sincero antes de perdoar qualquer pecador. O arrependimento é absolutamente necessário para a salvação, tão necessário quanto a fé no Senhor Jesus Cristo. Como lemos nas seguintes passagens das Escrituras: “se, porém, não se arrependerem, todos vocês também perecerão” (Lucas 13:3). “Então também aos gentios Deus concedeu o arrependimento para a vida!” (Atos 11:18). “Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar” (2 Coríntios 7:10). Não é possível formular uma linguagem mais explícita do que essa. Portanto, diante desses versículos e outros ainda a serem citados, não podemos deixar de considerar com tristeza aqueles que afirmam agora que, nesta dispensação, o arrependimento não é essencial para a salvação, como sendo enganadores de almas e cegos guiando outros cegos.

Uma comparação cuidadosa do lugar proeminente que é dado ao arrependimento no Novo Testamento com o lugar muito pequeno que ele ocupa no ensino atual, mesmo em púlpitos chamados “ortodoxos”, traz à tona um dos “sinais dos tempos” mais significativos e solenes. Alguns dos pregadores mais proeminentes que se autodenominam “ensinadores da verdade dispensacional” insistem que o arrependimento pertence a um período passado, sendo totalmente “judaico”, e negam totalmente que, nesta era, Deus exige o arrependimento do pecador antes que ele possa ser salvo, rejeitando claramente o que é dito em Atos 17:30: “mas agora ele ordena a todas as pessoas, em todos os lugares, que se arrependam”. Quando se leva em consideração que esses homens são estudiosos diligentes das Escrituras, não podemos deixar de considerar com pesar que neles se cumprem aquelas palavras de 2 Timóteo 3:7: “estão sempre aprendendo e nunca conseguem chegar ao conhecimento da verdade”.

Outros, ao se afastarem da salvação através das boas obras, deixaram de preservar devidamente o equilíbrio da verdade e de dar o devido lugar a passagens como Provérbios 28:13: “Quem encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e abandona alcançará misericórdia” e Isaías 55:7: “Que o ímpio abandone o seu mau caminho, e o homem mau, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele”. Não é que haja algo meritório na conformidade do pecador com essa justa exigência de Deus, mas sim que as reivindicações do Santo devem ser apresentadas àqueles que transgrediram contra ele.

No entanto, isso é exatamente o que menos o rebelde orgulhoso deseja ouvir e a triste

realidade é que muitos estão agora, consciente ou inconscientemente, deixando de falar o que é desagradável aos homens, mas que honra a Deus. O quão generalizado é esse silêncio que pode ser rapidamente descoberto por meio de um exame de folhetos atuais que pretendem explicar como um pecador pode ser salvo. Na maioria deles, nem uma palavra é dita sobre o arrependimento.

Mesmo quando se sustenta que o arrependimento é necessário antes que um pecador possa ser salvo, muitas vezes são apresentadas visões superficiais e rasas do que o arrependimento realmente é. Em muitos lugares, assume-se que se uma pessoa derrama lágrimas ou parece estar quebrantada por causa de comportamentos ímpios que adotou, isso é uma prova clara de que uma obra salvífica da graça divina foi iniciada no coração dessa pessoa. Mas isso de maneira nenhuma corresponde à realidade.

As maiores agonias de uma consciência inquieta não são iguais à convicção de pecado que é produzida pelo Espírito Santo. Esaú chorou amargamente, mas não foi regenerado. Félix tremeu diante da pregação de Paulo, mas não há indício nas Escrituras de que ele tenha ido para o céu. Multidões são enganadas nesse ponto e há pouquíssimo na pregação atual que seja capaz de tirá-las desse engano. Cada um de nós que valoriza sua alma e se preocupa com seu destino eterno fará bem em examinar cuidadosamente seu arrependimento à luz das Escrituras e verificar se ele é de origem humana ou de origem divina, se é natural ou se é sobrenatural.

A primeira ocorrência da palavra “arrependimento” fornece a chave para seu significado e alcance. Em Gênesis 6:6 (ACF), lemos: “Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração”. Essa linguagem é figurada, pois aquele que é infinito em sabedoria e imutável em conselho nunca muda de ideia. Isso fica evidente através das seguintes passagens das Escrituras: “Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa” (Números 23:19); “e também aquele que é a Força de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem para que se arrependa” (1 Samuel 15:29); e nele “não há mudança nem sombra de variação” (Tiago 1:17). Assim, à luz dessas declarações definitivas, somos compelidos a concluir que, em Gênesis 6:6 (e em passagens semelhantes), o Todo-Poderoso condescende em usar uma linguagem que se acomoda à nossa maneira de falar e a se expressar de maneira humana, como ele faz em Salmos 78:65; 87:6; Isaías 59:16 etc.

Agora, quando observamos cuidadosamente o contexto dessa palavra em Gênesis 6:6 e prestamos atenção ao que se segue, descobrimos:

Em primeiro lugar, que a ocasião do arrependimento é o pecado, pois em Gênesis 6:5 lemos que “o Senhor viu que a maldade das pessoas havia se multiplicado na terra”. Assim, o arrependimento é uma percepção da extrema malignidade do pecado.

Em segundo lugar, que a natureza do arrependimento consiste em uma mudança de mente, uma nova decisão é formada diante das condições deploráveis existentes: “Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem”.

Em terceiro lugar, que o arrependimento genuíno é acompanhado por uma tristeza real pelo pecado, pois aquilo que exigiu a mudança de mente: “e pesou-lhe em seu coração” (cf. 2 Coríntios 7:10).

Em quarto lugar, que o fruto ou consequência do arrependimento aparece em uma resolução de desfazer (abandonar e corrigir, na medida do possível) aquilo pelo qual houve tristeza: “E disse o Senhor: Destruirei o homem” (v. 7). Todos esses elementos são encontrados em um arrependimento que foi produzido no coração pela operação graciosa e sobrenatural do Espírito Santo. Vamos agora considerar:

1

A Necessidade do Arrependimento

A necessidade do arrependimento é vista a partir da contemplação da lei, pois “pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Romanos 3:20). Onde não há explicação e aplicação da santa lei de Deus, não pode haver um conhecimento verdadeiro, profundo e salvífico do pecado. Como o apóstolo Paulo afirma claramente: “eu não teria conhecido o pecado, a não ser por meio da lei” (Romanos 7:7). A extrema malignidade do pecado (Romanos 7:13) só pode ser exposta quando o Espírito lança a luz da lei de Deus sobre nossa consciência e nosso coração.

Entretanto, vivemos em um tempo preeminentemente marcado pela desconsideração da lei em todos os seus aspectos. E não pode ser de outra forma, pois onde a lei de Deus é desconsiderada, onde milhares de pregadores declaram que a lei foi abolida nessa dispensação da graça, não podemos esperar que as pessoas tenham muito respeito pela lei humana. Deus fez com que o povo colhesse o que semeou: tendo semeado o vento, agora estão colhendo a tempestade. O bolchevismo e a anarquia são a consequência inevitável de terem menosprezado e rejeitado os Dez Mandamentos!

A piedade prática consiste na conformidade do coração e da vida com a lei de Deus e em uma obediência sincera ao evangelho de Cristo. Mas é somente quando entendemos corretamente tanto a lei quanto o evangelho que podemos discernir em que consiste verdadeiramente a conformidade com um e a obediência ao outro. Ora, os requisitos da lei são resumidos na seguinte palavra: “ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força” (Deuteronômio 6:5, cf. Mateus 22:37). Observe cuidadosamente as três coisas especificadas aqui: Em primeiro lugar, o dever exigido, ou seja, o amor a Deus. Em segundo lugar, o fundamento ou razão para isso, ou seja, porque ele é o Senhor nosso Deus. Em terceiro lugar, a medida ou extensão desse dever, ou seja, amá-lo de todo o coração. Nada além disso, nada menos que isso, jamais atenderá às reivindicações justas de Deus sobre nós.

Ora, o que está implícito e é exigido para um amor real a Deus é, em primeiro lugar, um verdadeiro conhecimento dele. Se nossas apreensões acerca de Deus estiverem erradas, se não forem formadas pela Escritura, então é óbvio que temos apenas uma imagem falsa dele, moldada pela nossa própria imaginação. Por um verdadeiro conhecimento de Deus (João 17:3; 1 João 5:20), queremos dizer muito mais do que uma noção teórica correta das perfeições divinas, deve haver uma percepção sincera de sua amabilidade pessoal e de sua glória inefável. E onde essa verdade realmente existe, haverá um deleite em Deus (Salmos 37:4) e um desejo e determinação de agradá-lo. Assim como o amor próprio naturalmente nos faz exaltar a nós mesmos e buscar promover nossos próprios interesses, assim também um verdadeiro amor a Deus nos faz colocá-lo em primeiro lugar e buscar os interesses dele.

No arrependimento, o pecado é a coisa pela qual devemos nos arrepender. O pecado é uma transgressão da lei (1 João 3:4). A primeira e principal coisa exigida pela lei é o amor supremo a Deus. Portanto, a falta de amor supremo a Deus, a desafeição do coração por seu caráter e a

rebelião contra ele (Romanos 8:7) é nossa grande maldade da qual precisamos nos arrepender. Mas nossos corações jamais desejam se arrepender, a menos que realmente vejamos a nossa culpa. E nunca poderemos realmente ver a nossa culpa até percebermos o que principalmente nos torna culpados. É a excelência de Deus e as perfeições infinitas de seu ser glorioso que o tornam digno de nosso amor supremo e de nossa obediência plena. É isso que principalmente nos torna culpados por não tê-lo amado e servido. Não amar alguém tão amável quanto o Deus do amor é o maior de todos os crimes.

A Malignidade do Pecado

O que é o pecado? Pecar é dizer:

Eu renuncio ao Deus que me fez e nego o direito dele de me governar. Não me importo com o que ele me diz, com quais mandamentos ele deu e nem como ele me descreve. Eu prefiro estar satisfeito comigo mesmo do receber a aprovação dele. Sou indiferente a tudo o que ele fez por mim; suas bênçãos e dons não me afetam. Eu vou ser senhor de mim mesmo.

O pecado é rebelião contra a Majestade do Céu. É tratar o Todo-Poderoso com desprezo. Como o pecado é tão diferente do que o mundo supõe! Como os não regenerados são insensíveis à glória de Deus e ao que nós devemos a ele!

O homem natural supõe que a grande malignidade do pecado consiste no fato de que ele é muito prejudicial para nós mesmos. Quando uma criatura que é absolutamente dependente assume uma atitude independente e orgulhosa isso é o maior dos pecados. Desprezar aquele que é infinitamente glorioso e infinitamente digno de honra, amor e obediência é uma abominação terrível. Estar mais preocupado em agradar companheiros rebeldes do que em buscar o favor de Deus é uma das atitudes mais desprezíveis. Leitor, se você nunca viu a grande malignidade do pecado, então você é estranho a Deus e está cego para a incomparável amabilidade dele. Você está sob o poder que o pecado possui de cegar os pecadores.

Reflita bem sobre o que está sendo apresentado para ver se você valoriza a sua alma, querido amigo. O “engano do pecado” (Hebreus 3:13) até agora pode ter fechado os seus olhos para a terrível condição em que você se encontra. Se assim for, você está agora disposto a sair do engano? Você está disposto a realmente ver a si mesmo? Então, não se engane quanto a este ponto: nunca houve nenhum pecador perdoado enquanto ele permaneceu impenitente; jamais houve uma alma verdadeiramente arrependida enquanto permaneceu insensível à grande malignidade do pecado; tampouco um pecador percebeu a grande malignidade do pecado até que estivesse familiarizado com o Deus infinitamente grandioso e glorioso contra quem ele pecou.

Você pode realmente ter se entristecido pelo pecado por outros motivos, tais como por ele ter exposto você à vergonha perante os homens, por ele ter prejudicado sua reputação ou porque ele atraiu a disciplina de Deus sobre seu corpo ou em assuntos temporais. Mas se você nunca viu a grande malignidade do pecado pelo fato de ele ter sido cometido contra esse Deus que é infinitamente glorioso em si mesmo, então o seu arrependimento não foi genuíno e Deus não perdoou você.

Está escrito no Salmo 51:4: “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau aos teus olhos”. Uma percepção da grande malignidade do pecado é essencial para um verdadeiro arrependimento. Não podemos ser devidamente afetados pelas coisas a menos que as vejamos como elas de fato são. Não importa quão adorável uma coisa ou pessoa possa ser, se não percebermos a excelência dela, o nosso coração não será afetado por ela. Até mesmo a glória

infinita de Deus não despertará nossa estima e amor se não tivermos uma noção dela. Porém, por outro lado, também é verdadeiro que mesmo que o pecado seja excessivamente maligno, se ele não for percebido, não seremos afetados devidamente por ele.

Embora o pecado mereça ser abominado com todo o nosso ódio e ainda que haja todas as razões para nos horrorizarmos por causa dele e nos humilharmos diante de Deus, lamentando-o com amargura de coração, temendo-o e vigiando contra ele como o maior de todos os males, jamais faremos isso até que vejamos o pecado em sua verdadeira repugnância. Assim, é claro que uma percepção profunda da malignidade infinita do pecado é essencial para o arrependimento. É dessa percepção do pecado que o arrependimento imediatamente surge.

A malignidade do pecado provém de nossas obrigações de agir de outra maneira, ou seja, de nossa obrigação de amar e servir o Deus que é infinitamente glorioso. Mas a menos que eu veja isso de modo claro, não haverá e nem pode haver um arrependimento profundo. A linguagem do coração de todo pecador é:

Não me importa com o que Deus requer. Eu vou fazer do meu jeito. Não me importo com o que é o direito de Deus sobre mim, eu me recuso a me sujeitar à sua autoridade. Não me importo com as ameaças que ele fez àqueles que o desafiam, eu não vou me intimidar. Seus olhos podem estar sobre mim, mas não vou me restringir por causa disso; não me importo com o que ele ama nem com o que ele odeia, vou buscar agradar a mim mesmo.

Mas quando o Espírito Santo ilumina e convence uma alma, sua linguagem é: “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau aos teus olhos”.

O Que é o Arrependimento?

O verdadeiro arrependimento resulta de uma percepção no coração, realizada nele pelo Espírito Santo, acerca da malignidade do pecado e do horror de ignorar as reivindicações de Deus e desafiar a sua autoridade. Portanto, o verdadeiro arrependimento é um santo horror e ódio pelo pecado, uma profunda tristeza por ele, um reconhecimento dele diante de Deus e um completo abandono de coração do pecado. Somente quando isso é feito é que Deus nos perdoará.

Quem se der ao trabalho de examinar as Escrituras sobre este ponto verá que isso é ensinado de maneira clara e uniforme por Moisés e pelos profetas, por Cristo e por seus apóstolos. Começando com o que Deus demandava no dia da expiação: “Qualquer pessoa que, nesse dia, não se humilhar”, longe de o sacrifício remover os seus pecados, “será eliminada do meio do seu povo” (Levítico 23:29).

Considere bem o ensino desses versículos encontrados em 1 Reis 8:47-50: “e se, na terra aonde forem levados cativos, caírem em si e se converterem, e, na terra do seu cativeiro, te suplicarem, dizendo: ‘Pecamos, procedemos mal e cometemos iniquidade’ e se eles se converterem a ti de todo o seu coração e de toda a sua alma, na terra de seus inimigos que os levarem cativos, e orarem a ti... ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, a sua prece... perdoa ao teu povo, que houver pecado contra ti, todas as suas transgressões que houverem cometido contra ti”. Nenhuma mudança na dispensação causou alguma alteração no caráter do Deus triuno e santo. Suas reivindicações são sempre as mesmas.

Quanto ao ensino dos profetas sobre esse assunto, veja as seguintes passagens: Salmo 32:3-5; Provérbios 28:13; Jeremias 4:4; Ezequiel 18:30-32; Oséias 5:15; Joel 2:12-18.

João Batista, o precursor de Cristo, pregou dizendo: “Arrependam-se, porque está próximo o Reino dos Céus” (Mateus 3:2). Em outras palavras, é como se ele tivesse dito: “A natureza do

reino do Messias é tão santa que nenhum pecador impenitente, enquanto permanecer como tal, pode ser recebido nele e desfrutar de suas bênçãos. Aquele que foi prometido está prestes a aparecer. Portanto, arrependam-se e, assim, estejam preparados para recebê-lo”. Foi assim que João pregou e muitos se converteram ao Senhor, seu Deus (Lucas 1:16-17).

O Senhor Jesus ensinou e constantemente enfatizou a mesma verdade. Sua convocação era: “Arrependam-se e creiam no evangelho” (Marcos 1:15). O evangelho não pode ser crido salvificamente até que haja arrependimento genuíno, pois assim como o solo deve ser arado antes que seja capaz de receber a semente, assim também o coração deve ser quebrantado antes que acolha o Senhor e Salvador Jesus Cristo. Por isso, o Senhor Jesus declarou: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mateus 5:4) e anunciou que ele foi enviado para “curar os quebrantados de coração” (Lucas 4:18, ACF). Ele veio aqui para chamar “os pecadores ao arrependimento” (Lucas 5:32) e insistiu: “se, porém, não se arrependerem, todos vocês também perecerão” (Lucas 13:3, 5). Cristo ilustrou essa verdade extensivamente na parábola do filho pródigo, que “caindo em si”, arrependeu-se, deixou a “terra distante”, voltou para o Pai e, assim, obteve o perdão dele (Lucas 15:17-20).

Quando ressuscitou dos mortos, Cristo comissionou os seus servos “que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações” (Lucas 24:47). Atos 5:31 nos diz que ele foi exaltado à destra de Deus para conceder essas bênçãos na seguinte ordem, ou seja, “a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados”. Consequentemente, encontramos os apóstolos, cheios do Espírito Santo, cumprindo assim a ordem do Mestre. No Dia de Pentecostes, quando muitos foram “compungidos em seus corações” e perguntaram “o que faremos?”, Pedro não disse: “Não façam nada, apenas descansem na obra consumada de Cristo”. Em vez disso, ele disse: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos seus pecados” (Atos 2:38). Além disso, em Atos 3:19, o encontramos dizendo: “¹Portanto, arrependam-se e se convertam, para que sejam cancelados os seus pecados!”.

Quando Paulo foi convertido e enviado para pregar o evangelho aos gentios, isso se deu para que ele abrisse os olhos deles e os convertesse das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus, a fim de que eles recebessem a remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em Cristo (Atos 26:18). Então, vemos que ele foi a todos os lugares pregando aos homens que eles deveriam se arrepender e se converter a Deus, praticando obras dignas de arrependimento e “testemunhando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (Atos 26:20; 20:21). Quanto àqueles que fecharam os olhos, taparam os ouvidos, endureceram os corações e foram entregues à destruição nos dias dos profetas (Isaías 6:10), de Cristo (Mateus 13:15) e dos apóstolos (Atos 28:27), sua sentença foi a seguinte: “para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se”, ao compararmos essas palavras com o que é dito em Marcos 4:12, vemos que isso significa, “e sejam perdoados”.

Contra esses testemunhos claros e consistentes das Escrituras Sagradas, alguns insistiram que o chamado divino ao arrependimento nunca foi feito a ninguém, exceto àqueles que estavam em uma relação pactual com Deus. Mas, como mostramos, Atos 17:30 e 26:20 expõem claramente esse erro. Alguns apontaram que a palavra “arrependimento” não é encontrada nem uma vez em todo o Evangelho de João e em vista de João 20:31 eles têm argumentado que o arrependimento não é necessário para a salvação. Entretanto, o Evangelho de João é claramente dirigido àqueles que são salvos (veja 1:16). É esse Evangelho que apresenta o Filho em relação aos filhos de Deus. João 20:31 obviamente significa que este Evangelho é escrito para fortalecer

a fé dos crentes; assim como 1 João 5:13 (foi dirigido àqueles que já sabiam que estavam salvos — veja 2:3 etc.) indica que o propósito dessa epístola era aprofundar a certeza. Outros têm extraído uma inferência falsa a partir da menção muito rara de arrependimento nas Epístolas, mas elas também são dirigidas aos santos. No entanto, 2 Coríntios 7:10, 2 Timóteo 2:25 e 2 Pedro 3:9 expressamente confirmam o fato de que o arrependimento é exigido ao longo da presente dispensação.

Com diz Eclesiastes 1:9: “não há nada de novo debaixo do sol”, nem a negação atual da necessidade de arrependimento para a salvação é uma novidade do século XX. Como prova desta afirmação, poderíamos preencher página após página com citações de antinomianos e outros que viveram muito antes de se ouvir falar da “verdade dispensacional”. Não, esse é uma antiga artimanha de Satanás vestida com roupas novas. Mas ai daqueles que aceitam a sua mentira. É mais fácil Deus deixar de existir do que rebaixar as suas reivindicações e deixar de exigir arrependimento de todos que se rebelaram contra ele. Não se engane sobre esse ponto, caro leitor: é se converter ou perecer — converter-se do seu caminho de vontade própria e de seu próprio prazer; converter-se a Deus com o coração quebrantado, buscando pela misericórdia dele em Cristo; converter-se com plena intenção de agradar e servi-lo, ou então ser atormentado dia e noite para todo o sempre no lago de fogo.

2

A Natureza do Arrependimento

Está escrito em Lucas 13:3: “se, porém, não se arrependerem, todos vocês também perecerão”. Diante destas palavras solenes, é tremendamente importante que cada um de nós busque e obtenha de Deus o arrependimento que ele requer e que não nos contentemos com nada menos do que isso. Portanto, é necessário um exame mais diligente e fervoroso quanto à natureza do nosso arrependimento. Muitos são enganados nesse ponto. Muitos ficam perplexos com os ensinamentos conflitantes dos homens sobre o assunto; mas em vez de isso desencorajar, deveria nos estimular a uma busca mais intensa das Escrituras. Antes de nos voltarmos para o lado positivo deste aspecto do nosso tema, vamos primeiramente apontar algumas características de um arrependimento que não é salvífico.

1. Tremer diante da pregação da Palavra de Deus não é arrependimento.

É verdade que existem milhares de pessoas que ouviram impassíveis os sermões mais impressionantes e que até as descrições dos tormentos dos condenados não causaram terror em seus corações. No entanto, por outro lado, muitos que foram profundamente tocados, compungidos e levados às lágrimas, estão agora no interno. Já vi a face de homens fortes empalidecer durante uma mensagem penetrante, mas no dia seguinte todos os efeitos do sermão haviam passado. Félix “ficou amedrontado” (Atos 24:25) diante da pregação de Paulo!

2. Estar “quase persuadido” não é arrependimento.

Agripa é um exemplo disso (Atos 26:28). Uma pessoa pode concordar plenamente com as mensagens dos servos de Deus, admirar o evangelho, chegar a “receber a Palavra com alegria” e, contudo, ser apenas um ouvinte do tipo solo pedregoso (Mateus 13:20-21). Não apenas isso, ele pode ter consciência de suas más ações e reconhecer esse fato. Faraó confessou: “Pequei contra o Senhor, seu Deus, e contra vocês” (Êxodo 10:16). Uma pessoa pode perceber que deveria se render às reivindicações de Deus e que deveria se tornar um cristão, mas nunca passar de ficar apenas “quase persuadida”.

3. Humilhar-nos diante da poderosa mão de Deus não é arrependimento. As pessoas podem ser profundamente tocadas, chorar, ir para casa e determinar reformar suas vidas e, ainda assim, voltar para os seus pecados. Um exemplo solene disso é encontrado em Acabe. Aquele ímpio rei de Israel cobiçou a vinha de Nabote, tramou para obtê-la e alcançou seu objetivo fazendo com que ele fosse assassinado. Então, o servo de Deus o encontrou e disse: “Você matou e, ainda por cima, tomou a herança?”, nos é dito que ele “rasgou as suas roupas, cobriu-se de pano de saco e jejuou; dormia vestido de pano de saco e andava cabisbaixo” (1 Reis 21:19,27). No entanto, no capítulo seguinte, vemos que ele se rebelou novamente contra Deus e que foi condenado pelo julgamento divino.

Ah, meu leitor, você pode ter se humilhado diante de Deus por um tempo e ainda assim permanecer escravo das suas concupiscências. Você pode ter medo do inferno, mas não do pecado. Se o inferno fosse extinto, o arrependimento de muitos membros da igreja também teria

um fim. Não confunda o medo da ira futura com um ódio e horror santos pelo pecado.

4. Confessar pecados não é arrependimento.

Milhares de pessoas têm ido para frente no “altar” e têm dito a Deus que eram criaturas vis, enumerando uma longa lista de transgressões, mas sem que passassem por uma profunda percepção da inexprimível e terrível gravidade de seus pecados e sem sentir sequer uma partícula de ódio santo por eles. Seu comportamento posterior evidenciou isso, pois agora elas ignoram os mandamentos de Deus tanto quanto faziam antes. Ó, meu leitor, se você não resistir ao pecado, se não se afastar dele, então o arrependimento que você imaginou ter é apenas um verniz que o embeleza por fora, mas não é a graça que o transforma em ouro.

5. Você pode até mesmo realizar obras dignas de arrependimento e ainda permanecer uma pessoa impenitente.

Um pecador pode ser convencido da maldade de seus caminhos, afastar-se deles e chegar ao ponto de restituir o mal que causou e, depois de tudo isso, perecer. Uma prova clara disso é fornecida no Novo Testamento. Judas confessou seus pecados aos sacerdotes e devolveu o dinheiro deles (Mateus 27:3-5), e então saiu da presença daqueles homens maus. Ele foi salvo? Não, ele saiu e se enforcou! Ó, como isso deveria fazer com que cada um de nós trema e examine os nossos corações.

A palavra grega “*metanoeo*”, que é a palavra mais traduzida como “arrependimento”, significa uma mudança de mente: Mateus 21:29 ilustra e confirma essa definição. No entanto, seja dito com muita ênfase que o arrependimento salvífico significa muito mais do que uma simples mudança de opinião: é uma mente mudada que leva à ação. Ora, essa mente mudada não é resultado de nenhum processo intelectual, mas é o resultado do entendimento sendo trabalhado pela consciência e isso acontece à medida que a consciência é sobrenaturalmente transformada pelo Espírito Santo. Em consequência disso, há um julgamento ou condenação de si mesmo e é assumida uma posição ao lado de Deus e contra mim mesmo.

A pessoa caída não está em processo de julgamento, mas é uma criminosa já sentenciada (João 3:18). Como lemos em Romanos 3:10-12: “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus. Todos se desviaram e juntamente se tornaram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer”. Essa é a acusação de Deus contra cada um de nós. Nenhuma argumentação será eficaz e nenhuma desculpa será aceita. A questão atual entre Deus e o pecador é: o homem se submeterá, ou confirmará de coração, o justo veredito de Deus?

É precisamente aqui que o evangelho nos encontra. Ele vem até nós como aqueles que já estão perdidos, como aqueles que são “ímpios”, “fracos” e “inimigos de Deus”. Quando o evangelho inicialmente chega ao pecador, ele o encontra em um estado de apostasia de Deus, tanto como soberano governante quanto como nosso bem supremo, não o obedecendo e glorificando e nem desfrutando e encontrando satisfação nele. Daí a exigência de “arrependimento para com Deus” antes da “fé para com o Senhor nosso Jesus Cristo” (Atos 20:21).

O verdadeiro arrependimento para com Deus remove essa desafeição de nossas mentes e corações para com ele, sob ambas essas características. No arrependimento salvífico, toda a alma se volta para ele e diz:

Eu tenho sido uma criatura desleal e rebelde, tenho desprezado a sua alta autoridade e sua lei justíssima. Não vou mais viver assim. Agora desejo e determino com todas as minhas forças servi-lo e obedecê-lo como meu único Senhor. Eu me submeto a ti e à tua vontade.

Isso não é tudo o que uma alma verdadeiramente penitente diz a Deus. Ela continua:

Até agora, tenho sido uma criatura miserável e sem esperança, destituída de qualquer coisa que pudesse satisfazer ou me fazer verdadeiramente feliz. Meu coração tem sido voltado para um mundo vazio que não podia atender às minhas necessidades reais; ele me lisonjeou e zombou muitas vezes, mas nunca me concedeu contentamento. Ele “me atormentou com muitas dores” (1 Timóteo 6:10). Eu abandonei a Fonte das águas vivas e me voltei para cisternas rachadas que não retêm as águas. Eu reconheço e lamento minha loucura e me condeno sem reservas por ela. Agora, eu me entrego a ti como minha porção presente e eterna.

O evangelho proclama a maravilhosa graça de Deus, que é a única esperança do pecador culpado e condenado. No entanto, essa graça nunca será verdadeiramente recebida até que o pecador se curve e se submeta sinceramente à sentença de Deus contra ele. É por isso que tanto o arrependimento quanto a fé são exigidos de nós. Os dois nunca devem ser separados. Quando nosso Senhor estava falando com os principais sacerdotes e anciãos sobre a rejeição da mensagem de João, a acusação feita contra eles foi: “Vocês, porém, mesmo vendo isso, não se arrependeram depois para acreditar nele” (Mateus 21:32).

O arrependimento é o reconhecimento de coração de que a sentença de condenação divina é justa; a fé é a aceitação alegre e de coração da graça e da misericórdia que nos são oferecidas por meio de Cristo. O arrependimento não é simplesmente virar uma nova página e prometer que vou melhorar os meus caminhos; não, antes é uma confirmação de que Deus é verdadeiro quando ele declara que estou “fraco” (Romanos 5:6); que em mim mesmo meu caso é sem esperança; que eu não sou mais capaz de “agir melhor” do que sou capaz de criar um mundo. Somente quando isso for crido com base na autoridade da Palavra de Deus, é que eu realmente me converterei a Cristo e o receberei não como Ajudador, mas como Salvador!

O arrependimento é mais do que a convicção do pecado ou o terror da ira vindoura. Isso fica claro a partir de Atos 2:37-38. Sob a mensagem incisiva de Pedro, os judeus foram levados a perceber sua culpa terrível diante de Deus. Eles ficaram conscientes do fato terrível de que tinham assassinado o Príncipe da vida e ficaram temerosos de serem lançados no inferno. No entanto, embora já estivessem “compungidos em seus corações”, quando clamaram “Que faremos, irmãos?”, Pedro disse: “Arrependam-se”. Para uma mente superficial, tal exigência poderia parecer desnecessária, mas ela foi um conselho oportuno. Seus “corações compungidos” foram afetados por um terror legal, enquanto o “arrependimento” salvífico é um julgamento evangélico de si mesmo, um lamento pelo pecado proveniente de um senso da graça e da bondade de Deus.

Uma reflexão cuidadosa e em oração acerca de Atos 2:37-38 deve corrigir mais um erro que atualmente está disseminado em vários lugares. Quando os ouvintes de Pedro foram atemorizados pelo terrível crime que cometeram e ficaram temerosos acerca da ira vindoura, atingidos em seus corações — como se uma espada tivesse sido cravada em suas entranhas — então, clamaram em angústia: “Que faremos?”. O apóstolo não disse: “Sejam passivos, não há nada que vocês possam fazer”, encorajando assim a inércia fatal dos hipercalvinistas. Nem ele disse: “Creiam que seus pecados foram removidos”, como é o conselho de muitos “médicos que não valem nada” de nossos dias (Jó 13:4). Não, a resposta de Pedro foi muito diferente e significava essencialmente o seguinte:

Assumam toda a culpa que pertence a vocês. Confessem toda a verdade a Deus. Não dissimulem, mas confessem a sua maldade terrível; permitam que os seus corações incircuncisos sejam verdadeiramente humilhados diante dele. E então olhem, pela fé, para a livre graça de Deus por meio do sangue de Cristo buscando o perdão de pecados e em sinal de que vocês dependem completamente da mediação e dos méritos dele, então, sejam batizados em nome de Cristo e isso será para vocês um sinal eterno da remissão de seus pecados.

Como, em 1750, disse Joseph Bellamy:^[1]

A pessoa que tem seus olhos abertos para ver a glória da natureza de Deus, a beleza da lei divina, o mal infinito do pecado, a necessidade de uma expiação infinita e, assim, vê sua necessidade de Cristo e que, ao mesmo tempo, contempla Deus como o bem supremo, suficiente e como alguém disposto a receber todo pecador que se volta para ele por meio de Cristo — a pessoa que foi assim ensinada por Deus — se arrependerá e se voltará para Deus como seu Senhor soberano e Bem supremo, e ela se voltará assim por meio de Jesus Cristo, que é o único caminho para o Pai, segundo a visão de alguém que foi verdadeiramente iluminado. Pois, quanto mais clara for a luz, mais se verá a glória da natureza divina e da lei, e em exata proporção será o senso do mal infinito do pecado e da necessidade da expiação infinita e da justiça perfeita de Cristo. E assim “o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” estarão naturalmente implicados um no outro.

A pessoa que se arrepende diante da glória de Deus, da glória da lei e da expiação, em seu arrependimento olhará apenas para a livre graça, por meio de Jesus Cristo, para misericórdia, quando confrontada com a glória de Deus, a lei e a expiação, e ao fazer isso, assumirá toda a culpa de sua desafeição pelo caráter divino, conforme mostrado na lei e na cruz de Cristo, julgando e condenando a si mesma e, no próprio ato de fé, se arrependerá e será convertida.

Portanto, quando é dito: “Creia no Senhor Jesus e você será salvo” (Atos 16:31), a mesma coisa (de maneira inclusiva) é significada quando é dito: “Portanto, arrependam-se e se convertam, para que sejam cancelados os seus pecados” (Atos 3:19). Pois a fé apostólica implica arrependimento e, às vezes, ambos juntos; mas sempre a mesma coisa é intencionada. Pois, segundo a visão dos apóstolos, arrependimento e fé estavam mutuamente implicados um no outro.

A Definição Completa e Formal de Arrependimento

Esta é uma definição mais completa e formal de arrependimento: O arrependimento é uma revelação sobrenatural e interna a partir de Deus, que proporciona uma profunda consciência do que sou diante dele e que me faz detestar e condenar a mim mesmo, resultando em uma grande tristeza pelo pecado, um horror santo e um ódio pelo pecado, bem como um afastamento ou abandono do pecado. O arrependimento é a descoberta das altas e justas reivindicações de Deus sobre mim e de minha falha ao longo da vida em atender a essas reivindicações. O arrependimento é o reconhecimento da santidade e bondade de sua lei e de minha insubordinação desafiante a ela. O arrependimento é a percepção de que Deus tem o direito de me governar e da minha recusa em me submeter a ele. O arrependimento é a apreensão de que ele me tratou bem e com bondade, e que eu o retribuí mal e sem ter qualquer preocupação com sua honra e glória. O arrependimento é a realização de sua graciosa paciência comigo e de como, em vez de isso quebrantar o meu coração e me fazer render uma obediência amorosa a ele, abusei de sua paciência e continuei a viver buscando fazer apenas minha própria vontade.

O arrependimento evangélico é uma apreensão no coração da extrema malignidade do pecado. O arrependimento é o reconhecimento da principal coisa pela qual sou censurável, a saber, ter falhado miseravelmente em render a Deus o que é devido a ele por direito. À medida que o Espírito Santo me apresenta a amabilidade do caráter divino, conforme sou capacitado a discernir a sublime excelência de Deus, então começo a perceber aquilo a que ele tem direito, a saber, a honra do meu coração, o amor irrestrito da minha alma e a rendição completa de todo o meu ser a ele. Ao perceber que desde o momento em que dei meu primeiro suspiro Deus tem buscado apenas o meu bem, que aquele que me deu existência tem constantemente atendido a cada necessidade minha como criatura e que o mínimo que posso fazer em troca é reconhecer suas abundantes misericórdias fazendo o que é agradável aos seus olhos, então sou sobrecarregado de angústia e horror ao perceber que o tratei de maneira mais indigna do que o meu pior inimigo.

Muitas vezes o exemplo é melhor do que a definição mais precisa. O Novo Testamento fornece vários exemplos concretos de arrependimento, mesmo quando o termo em si não é encontrado. Quando o “publicano” ficou de longe e nem sequer levantou os olhos para o céu,

mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, tem pena de mim, que sou pecador!” (Lucas 18:13), vemos o arrependimento em ação. O publicano reconheceu a que distância moral terrível o pecado o afastara de Deus, e estava profundamente consciente de sua completa indignidade de olhar para o Santo, assim, julgou a si mesmo sem reservas e ele percebeu que a sua única esperança estava na misericórdia soberana de Deus.

De modo semelhante aconteceu com o ladrão na cruz, quando disse ao seu companheiro endurecido: “Você nem ao menos teme a Deus, estando sob igual sentença? A nossa punição é justa, porque estamos recebendo o castigo que os nossos atos merecem; mas este não fez mal nenhum” (Lucas 23:40-41). Não houve autoexame, mas pronta admissão de sua condição de pecador e de que merecia a punição.

Observe atentamente as expressões de arrependimento usadas por Davi no Salmo 51. Ele não fala de suas “falhas”, “erros” ou fraquezas, mas sim de “minhas transgressões” (v. 1), “meu pecado” (v. 2), “o que é mau” (v. 4), “minhas iniquidades” (v. 9) e menciona expressamente o pior aspecto de seu delito, a saber, seus “crimes de sangue” (v. 14). O verdadeiro arrependimento abomina usar nomes suaves para o pecado, tampouco ele procura encobrir a maldade. Aquela ofensa que no momento da tentação parecia insignificante, quando (mais tarde) ela é verdadeiramente arrependida, então é reconhecida como uma ofensa hedionda. Frequentemente o pecado, antes de ser cometido, parece à mente como um mal muito pequeno, mas quando a graça age em forma de arrependimento, então o falso glamour do pecado desaparece e ele é visto em sua malignidade terrível e é detestado de acordo com isso.

O que Acompanha o Verdadeiro Arrependimento

O verdadeiro arrependimento é sempre acompanhado por um desejo profundo e uma determinação sincera de abandonar uma vida que desagrada a Deus. Com que honestidade alguém poderia buscar o perdão de Deus enquanto continuasse a desafiá-lo e não abrisse mão daquilo que ele proíbe? Será que um rei perdoaria um traidor, mesmo que este parecesse humilde como nunca, se visse que ele continuava a ser um traidor? A verdade é que Deus é infinitamente mais misericordioso do que qualquer rei humano, no entanto, na mesma passagem que proclamou formalmente a sua misericórdia pela primeira vez, Deus imediatamente acrescentou “que não inocenta o culpado” (Êxodo 34:5-7), isto é, os culpados de coração, aqueles que possuem corações falsos e desleais para com ele, que não desejam se sujeitar a ele em todas as coisas e que se recusam a ter cada pensamento levado cativo à obediência a ele (2 Coríntios 10:5).

O que acabou de ser dito precisa ser enfatizado fortemente em nossos dias que são marcados por um grande desprezo pela lei, quando por todos os lados a “graça de Deus” está sendo transformada em libertinagem (Judas 4). Há muitas passagens das Escrituras que afirmam a verdade de que deve haver um abandono do pecado antes que Deus perdoe os transgressores. Está escrito no Salmo 130:4: “Mas contigo está o perdão, para que sejas temido”. Se Deus concedesse perdão àqueles em quem não houvesse mudança de coração para temê-lo e obedecê-lo, então haveria misericórdia a fim de que ele pudesse ser insultado e desonrado ainda mais. A misericórdia de Deus nunca é exercida às custas de sua santidade! Deus nunca exhibe um de seus atributos de modo a desonrar outro. Ter piedade de um ladrão, enquanto ele continua sendo um ladrão, seria loucura, não sabedoria. Bem disse o puritano Thomas Goodwin: “Decida abandonar todo pecado conhecido e se submeter a todo dever conhecido ou, então, jamais espere encontrar misericórdia e favor com Deus”.

Antigamente, foi anunciado que se alguém “se abençoar no seu íntimo, dizendo: Terei paz, ainda que ande conforme o parecer do meu coração; para acrescentar à sede a bebedeira [ou seja, um pecado a outro]. O Senhor não lhe querará perdoar” (Deuteronômio 29:19-20). Da mesma forma, foi declarado: “se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar, me buscar e se converter dos seus maus caminhos, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (2 Crônicas 7:14, cf. 2 Crônicas 6:26). E os princípios do julgamento de Deus não mudaram! A morte de Cristo não fez com que Deus baixasse seu padrão, quão inexprimivelmente horrível e terrível é que alguém suponha que isso aconteceu! Não, o que Deus exigia antigamente, ele continua exigindo agora.

Assim, o arrependimento é o lado negativo da conversão. A conversão é um retorno total a Deus, mas não pode haver um retorno a ele sem um afastamento do pecado. O pecado deve ser abandonado antes que possamos nos aproximar do Santo. Como está escrito em 1 Tessalonicenses 1:9: “deixando os ídolos, vocês se converteram a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro”. Assim, o arrependimento é o pecador fazendo as pazes com Deus. Não estamos esquecidos do fato de que essa expressão é ridicularizada por muitos, no entanto, ela é uma expressão bíblica: “que se ponham sob a minha proteção e façam as pazes comigo; sim, que façam as pazes comigo” (Isaías 27:5). É verdadeiramente bendito que Cristo tenha “feito a paz pelo sangue da sua cruz” (Colossenses 1:20), no entanto, é igualmente verdade que nenhum pecador jamais chega a desfrutar dos benefícios salvíficos do sangue de Cristo até que ele faça as pazes com Deus ou, para dizer isso em outras palavras, até que ele baixe as armas de sua guerra e cesse de lutar contra Deus. O próprio Senhor Jesus ensinou claramente isso em Lucas 14, que o leitor reflita cuidadosamente sobre os versículos 28-33, prestando atenção especial ao versículo 32 e ao “assim também” do versículo 33!

3

As Implicações do Arrependimento

Joseph Bellamy disse em 1750:

Se Deus é um ser absolutamente perfeito e infinitamente glorioso e amável, bem como infinitamente digno de amor e honra supremos, e de obediência universal; e se nossa hostilidade ao caráter divino e nossa rebelião contra Deus é totalmente inescusável e infinitamente criminosa, conforme é declarado pela lei divina e indicado na cruz; e se Deus, o grande Governador do universo, vê as coisas dessa maneira e então nos convoca desde os céus para confessarmos os nossos pecados, arrepender-nos e nos voltarmos para ele com todo o coração; então, o significado da Palavra de Deus é certo e as ideias que ela intenciona transmitir são determinadas.

Arrepende-se, sem dúvida, é mudar nossas mentes quanto ao caráter divino, deixar de lado nossos preconceitos, abrir nossos olhos e começar a olhar para Deus como ele é: um ser absolutamente perfeito, infinitamente glorioso e amável, infinitamente digno de amor e honra supremos, e de obediência universal. Então, à luz dessa glória, devemos começar a ver nossa hostilidade e rebelião como coisas totalmente inescusáveis e infinitamente criminosas e, assim, admitir de coração toda a culpa que Deus lança sobre nós e sermos afetados em conformidade com isso.

Arrepende-se é dizer:

“Senhor, tu és justo quando falas e puro quando julgas” (Salmos 51:4). Quando a justiça é feita, nenhuma injustiça pode ser imputada a ti. Caso eu recebesse o que justamente mereço e percesse para sempre, isso não seria um defeito, mas uma beleza em teu caráter e todo o céu deveria amar e adorar para sempre a tua majestade gloriosa. Mas tu podes ter misericórdia de quem quiseses, por meio de Jesus Cristo. Então, eu busco a tua graça infinita e tua bondade por meio dele. “Ó Deus, tem pena de mim, que sou pecador!” (Lucas 18:13).

Então o arrependimento vai contra todos os nossos preconceitos anteriores contra o caráter divino e se opõe a toda tendência que reina em toda alma impenitente de diminuir a gravidade do pecado, de se justificar, de odiar a lei e de blasfemar contra Deus.

A partir de então, Deus é visto em sua beleza; a lei divina, que era vista como um ministério da condenação e morte, agora se mostra gloriosa; e nossa hostilidade e rebelião passam a ser vistas como coisas infinitamente criminosas. Justificamos a Deus, aprovamos a sua lei, condenamos a nós mesmos, aceitamos o castigo de nossa iniquidade como digno de Deus, então confessamos isso, nos arrependemos e nos voltamos para o Senhor, buscando apenas a livre graça de Jesus Cristo como fundamento para o perdão.

O arrependimento, então, pressupõe, em primeiro lugar, o reconhecimento e a aceitação das reivindicações de Deus sobre nós como nosso Criador, Governador, Provedor e Protetor. Porque Deus é quem ele é, ou seja, a soma e a fonte de toda excelência moral e espiritual, e por causa de nossa relação para com ele como criaturas completamente dependentes dele, ele é infinitamente digno de ser amado com todo o nosso coração, adorado com total adoração e servido com obediência alegre, perfeita e ininterrupta. Até que haja pelo menos alguma medida de um reconhecimento claro e definido (não dizemos completo) disso, então a mente ainda está sob o poder de Satanás para cegar os incrédulos (2 Coríntios 4:4) e o coração ainda está alienado de Deus (Efésios 4:18). Assim, o arrependimento pressupõe necessariamente a regeneração, na qual a alma favorecida foi dado “entendimento para reconhecermos aquele que é o Verdadeiro” (1 João 5:20). A primeira evidência de que essa iluminação sobrenatural foi dada é a apreensão interna da excelência e da supremacia de Deus, acompanhada de uma consciência que fica

horrorizada em ver como falhei terrivelmente, ao longo de toda a minha vida, em dar a Deus o seu lugar legítimo em meu coração e vida.

Em segundo lugar, o verdadeiro arrependimento pressupõe uma aprovação sincera da lei de Deus e um pleno consentimento aos seus justos requisitos, como o apóstolo declarou em Romanos 7:12: “a lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom”, isso não pode ser de outra forma, pois Deus é o seu Autor e nada que seja profano, injusto ou mal jamais poderia proceder dele. Portanto, segue-se que tal lei nunca pode ser alterada ou revogada.

Aqueles que afirmam que a lei de Deus foi abolida fazem uma grande desonra a todas as perfeições do caráter divino. Isso avilta a sua santidade, pela qual ele ama o certo e odeia o errado, pois uma revogação da lei suporia que Deus liberou as suas criaturas de fazerem o certo e permitiu que fizessem o errado. Isso infama a sua justiça, pelo qual ele dá a cada um o que lhe é devido, pois é suposto que Deus revogou as suas reivindicações justas. Isso nega a sua imutabilidade, pois é suposto que ele pensava algo no passado e pensa outra coisa no presente. Isso também subverte a sua bondade, pois é suposto que ele cancelou o que foi planejado para o nosso maior bem.

A Lei de Deus Jamais foi Revogada

Se o leitor apenas fizer um certo esforço para entender o fato de que os requisitos da lei de Deus estão todos resumidos no mandamento, “ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração...” (Deuteronômio 6:5), ele não deveria ter dificuldade em perceber quão assustador é o ensino de que a lei foi abolida.

Com efeito, as pessoas devem ter concepções estranhas sobre a graça divina e sobre o evangelho, se imaginam que Deus está agora exigindo algo diferente ou algo menos do que o lugar supremo nas afeições e nas vidas das pessoas. Será que eles pensaram apenas por um momento que nos tempos do Antigo Testamento Deus estava pedindo mais amor do que lhe era devido? Será que elas imaginam que Deus não merece agora tanto amor quanto antes? Tal pensamento seria a blasfêmia terrível. Ou, será que elas supõem que Deus renunciou aos seus direitos e agora permite livremente que suas criaturas o desprezem? Será que as pessoas pensam que ele fez uma concessão aos seus corações malignos e diminuiu o seu padrão? Será que a verdadeira fonte da oposição à lei de Deus não é a inimizade da mente carnal (Romanos 8:7)?

Talvez o leitor esteja inclinado a responder: Mas Cristo não veio aqui para cumprir a lei por nós e a obediência dele não nos livra das exigências da lei? Pare um momento, caro amigo, e pense bem em tal pergunta e se esforce para ver o que tal conceito claramente envolve. É claro que você não quer dizer que o Filho de Deus se encarnou com o propósito de obter uma redução da lei ou para comprar uma liberdade ilimitada para os seus súditos rebeldes. Será que Cristo consideraria de maneira leviana o interesse e a glória do seu Pai, a honra da sua lei e do seu governo? Será que ele derramou o seu precioso sangue para persuadir o grande Governador do mundo a afrouxar as rédeas do seu governo e conceder uma permissão ímpia para a libertinagem? Pensar tais coisas é um absurdo. Tal conceito terrível faria com que o Cristo, o infinitamente santo, se tornasse inimigo de Deus e amigo do pecado.

Longe de o Filho ter vindo à terra com tal propósito, ele declarou expressamente em Mateus 5:17-18: “Não pensem que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, mas para cumprir. Porque em verdade lhes digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra”. Se os versículos que seguem essa citação forem

cuidadosamente ponderados, será visto que nosso Senhor denunciou os fariseus porque, por meio de suas próprias tradições e invenções, eles anulavam a lei de Deus. Enquanto permitiam que ela condenasse alguns atos exteriores e grosseiros de pecado, negavam que ela repreendesse os primeiros impulsos da corrupção no coração. É por isso que Cristo disse: “Porque eu afirmo que, se a justiça de vocês não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrarão no Reino dos Céus” (Mateus 5:20).

A verdade de que a lei de Deus jamais seria revogada é ensinada repetidamente no Salmo 119: “A tua justiça é justiça eterna, e a tua lei é a própria verdade... Eterna é a justiça dos teus testemunhos... Quanto aos teus testemunhos, há muito sei que os estabeleceste para sempre... As tuas palavras são em tudo verdade desde o princípio, e cada um dos teus justos juízos dura para sempre” (vv. 142, 144, 152, 160). Aqui é como se o salmista estivesse dizendo: O dever exigido por tua lei é certo e bom, eternamente certo e bom e, como Governador do mundo, tu estabeleceste e firmaste a tua lei como um dever para nós e isso nunca será alterado, antes durará para sempre e eternamente.

Longe de Cristo ter morrido para anular a lei, de modo que agora ela deixasse completamente de ser uma regra de vida para os crentes, o grande e declarado objetivo de sua vinda ao mundo foi restaurar o seu povo para uma conformidade com a lei (veja Tito 2:11-13). Ah, como os homens amam as suas corrupções e odeiam a lei de Deus, eles desejam que a lei seja anulada para que possam viver como quiserem e, ao mesmo tempo, escapar das acusações de suas consciências aqui e da punição eterna no futuro. Mas “como rei, o Senhor governa para sempre” (Salmos 29:10) e assertivamente defenderá os direitos de sua coroa, manterá a honra de sua majestade e a glória de seu grande nome, e vindicará a sua lei injuriada. Ele ainda dirá: “quanto a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, tragam-nos aqui e os matem na minha presença” (Lucas 19:27).

Aqui podemos ver claramente a necessidade imperativa e absoluta da regeneração para que uma criatura caída seja conquistada para Deus e um rebelde desafiador seja transformado em um súdito amoroso. Como lemos em Romanos 8:7: “Porque a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode estar”, essa é a condição terrível de todo homem e mulher por natureza. Nada além da operação sobrenatural do onipotente Espírito de Deus pode produzir uma mudança de coração, para que alguém possa dizer com verdade: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (Romanos 7:22). Mas tal ensino como esse nunca foi e nunca será popular no mundo. Os falsos profetas que pregam “paz, paz” serão amados, mas aqueles que enfatizam as reivindicações elevadas e inalteráveis de um Deus justo serão odiados e denunciados como “legalistas”, entre outras coisas.

Cristo veio a este mundo e morreu para atender a todas as exigências da lei e isso não apenas para que os pecadores fossem salvos, mas para que a própria lei fosse mais firmemente “estabelecida”, isto é, nas consciências e corações dos redimidos. Portanto, o apóstolo escreveu: “Anulamos, então, a lei por meio da fé? De modo nenhum! Pelo contrário, confirmamos a lei” (Romanos 3:31). Nessa mesma epístola aos Romanos, o apóstolo, movido pelo Espírito Santo, estabelece como um princípio fundamental que “a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos seres humanos que, por meio da sua injustiça, suprimem a verdade” (Romanos 1:18). A partir dessa premissa, ele continua a provar que: “sabemos que tudo o que a lei diz é dito aos que vivem sob a lei, para que toda boca se cale, e todo o mundo seja culpável diante de Deus” (3:19). É claro como a luz do sol que se a lei tivesse sido revogada na cruz, ninguém poderia ser “culpado” diante de Deus, pois “o pecado não é levado em conta quando não há lei” (Romanos 5:13)!

Se a lei fosse revogada, qual seria a necessidade de uma longa sequência de argumentos para provar que “ninguém será justificado diante de Deus por obras da lei” (3:20)? Nesse caso, teria sido suficiente dizer que uma lei revogada não poderia justificar nem condenar ninguém. Em vez disso, o apóstolo mostra que a lei exige uma perseverança em fazer o bem e ameaça tribulação e angústia sobre toda alma humana que pratica o mal (Romanos 2:5, 7, ACF). Isso mostra que tanto judeus quanto gentios pecaram e, portanto, são condenados pela lei — declarados culpados — e, assim, o apóstolo chega à conclusão inevitável de que ninguém pode ser absolvido ou justificado pela lei. Não é óbvio, então, que todo esse raciocínio inspirado pressupõe que a lei está tão vigente quanto antes? Portanto, ele continua a mostrar que a morte de Cristo atendeu às demandas da lei não para anulá-la, mas para “estabelecê-la”.

Portanto, encontramos nas Escrituras do Novo Testamento uma linguagem uniforme que fala sobre aqueles que não têm uma participação salvífica na justiça de Cristo pela fé como estando tão debaixo da ira de Deus e da maldição da lei como se ele nunca tivesse morrido. Como vimos, Romanos 1:18 declara: “A ira de Deus se revela (não “foi revelada”) do céu contra toda impiedade e injustiça dos seres humanos”. Novamente, em Gálatas 3:10, somos informados: “Pois todos os que são das obras da lei estão debaixo de maldição, porque está escrito: “Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da Lei, para praticá-las”” (cf. 2 Tessalonicenses 1:7-9). Mas se a lei tivesse sido revogada pela morte de Cristo, então todo o mundo teria sido libertado da maldição, pois uma lei revogada não pode abençoar o justo e nem amaldiçoar o ímpio!

Portanto, encontramos que, quando pecadores sem Cristo são verdadeiramente despertados pelo Espírito Santo para ver e sentir em que estado terrível estão, eles sempre são convencidos de que estão sob a ira de Deus e a maldição da sua lei (veja Romanos 7:9-11) e, assim, entendem a necessidade urgente de um Salvador. Mas como o Espírito Santo poderia usar a lei se ela tivesse sido revogada? E quanto àqueles que nunca são despertados e convencidos pelo Espírito, mas que continuam a desprezar as reivindicações de Deus e desafiar a sua lei santa? Ah, tais pessoas descobrirão que, segundo a sua dureza e seu coração impenitente, acumularam para si “ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus” (Romanos 2:5).

Deus Pai, como Governador do mundo, deu a lei. Deus Filho a magnificou (Isaías 42:21) expondo a sua pureza, obedecendo aos seus preceitos e suportando a sua penalidade. Deus Espírito Santo honra a lei pressionando o pecador com as suas santas exigências e usando-a como “aio” para conduzi-lo a Cristo (Gálatas 3:24). A obra especial da terceira pessoa da Trindade é comunicar a cada eleito um senso da glória infinita de Deus, da justiça da sua lei e das suas reivindicações sobre eles. O Espírito gera neles uma disposição que os conforma ao cumprimento dos seus deveres e ele faz isso ao colocar a lei em suas mentes e escrevê-la em seus corações (Hebreus 8:10). Dessa forma, a natureza dos eleitos se transforma para que amem a Deus com todo o coração, de modo que “possam servi-lo sem (temor servil) em santidade e justiça diante dele, todos os dias de suas vidas” (Lucas 1:74-75). Assim, tanto o Filho quanto o Espírito honram o Pai como Supremo Governador, e se unem no mesmo propósito de desencorajar o pecado, humilhar o pecador, magnificar a lei e glorificar a graça.

Mas o que falta em todas as falsas religiões do mundo é a ênfase na infinita glória de Deus, na supremacia de seu governo, na santidade de sua lei, na justiça das suas reivindicações, na sua exigência de obediência amorosa e conformidade implícita com todas as suas exigências. E hoje há, talvez, tantas falsas religiões dentro do cristianismo quanto fora dele, pois dentro da cristandade vemos a verdade negada, pervertida e distorcida, e um desprezo generalizado pela lei de Deus sob o pretexto de exaltar a graça. Dizemos “pretexto”, pois a graça divina nunca reina às

custas da justiça, mas “por meio da justiça” (Romanos 5:21). A graça divina nos ensina que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, devemos viver neste mundo de forma sensata, justa e piedosa (Tito 2:12). São os ministros de Satanás, os “obreiros fraudulentos” (2 Coríntios 11:13), que agora, por seu ensino unilateral, fazem com que muitos transformem a graça de nosso Deus em libertinagem (Judas 4).

Aqui está a explicação do porquê o verdadeiro arrependimento é tão pouco pregado hoje. A noção da supremacia do governo de Deus foi perdida, as reivindicações de sua justiça são ignoradas e as exigências imutáveis de sua lei santa não são mais reconhecidas. Portanto, os não regenerados, que não conhecem a Deus, não têm noção de sua glória infinita. Praticamente não há nada na pregação atual para instruí-los e o resultado disso é que a suposta reverência e devoção a Deus das pessoas tem origem apenas em considerações egoístas; nada além do amor próprio (o instinto natural de autopreservação) está na base do “cristianismo” moderno.

Assim como é natural para os não regenerados supor que merecem algo por seus deveres, assim também é natural para eles serem insensíveis à infinita malignidade dos seus pecados. Assim, são inventados novos evangelhos, novos “planos de salvação”, para agradar ao gosto depravado de pecadores não humilhados e impenitentes, os quais estão preocupados com os seus próprios interesses e não se importam com a glória de Deus.

Em terceiro lugar, o verdadeiro arrependimento pressupõe um reconhecimento sincero e quebrantado de nossas falhas ímpias em cumprir a justa lei de Deus. Quando o Espírito Santo abre os olhos de um pecador para ver, em alguma medida, a excelência e a amabilidade suprema do caráter divino, bem como mostra a ele quão infinitamente digno Deus é de nossa adoração sincera; quando o Espírito nos assegura da justiça e da bondade da lei de Deus, e quão justamente ele tem direito de ser amado por nós com todo o nosso coração; quando ele nos convence de como falhamos miseravelmente ao longo da vida em atender às suas justas reivindicações sobre nós; quando ele nos faz sentir que, longe de nos deleitarmos nesse Deus infinitamente glorioso, nós buscamos expulsá-lo dos nossos pensamentos e fixar nossos corações nas coisas temporais, as quais são perecíveis e sensuais, buscando nossa satisfação nelas; e que, longe de reconhecermos sua soberania legítima sobre nós e sua justa reivindicação de que nossas vidas sejam governadas por ele, temos desprezado a sua autoridade, ignorado os seus mandamentos e agido apenas para fazer nossa própria vontade — então essa é a primeira vez que começamos a perceber o mal infinito do pecado e somos tomados por um desprezo por nós mesmos, horror e pesar devido ao modo tão terrivelmente pecaminoso como temos vivido.

O que acabamos de explicar é tão diferente das lutas produzidas por uma consciência inquieta quanto a luz é diferente das trevas. Alguém que nunca foi objeto das operações sobrenaturais e graciosas do Espírito pode se culpar por quebrar o *sabbath*, tomar o nome do Senhor em vão, mentir e embriagar-se, sem nunca se sentir culpado por ser hostil ao caráter divino. Até mesmo o ímpio rei Saul reconheceu certa vez: “Pequei... Eu tenho agido como um louco e cometi um erro muito grande” (1 Samuel 26:21). O mesmo foi feito por muitas outras pessoas desde então, as quais estavam totalmente cegas para a principal área em que estavam errados. Enquanto as pessoas são ignorantes da beleza do caráter de Deus, de quão absolutamente digno ele é de ser amado; e enquanto elas não percebem a justiça e bem-aventurança de sua lei, como ela é absolutamente merecedora de obediência implícita, ininterrupta e alegre; então é impossível que se arrependam por não agirem em conformidade com isso em relação a Deus e à sua lei.

Assim como a ausência de amor por Deus juntamente com uma hostilidade ao seu caráter santo está na raiz e influencia toda a maldade que a humanidade geralmente vive, assim também

quando a Escritura exorta as pessoas a se arrependerem de pecados específicos e voltarem-se para Deus, é da falta de amor por Deus e da inimizade contra sua lei, manifestada e expressa por seus pecados específicos, que elas são instadas a se arrependerem. Não há nenhum pecado que qualquer homem seja culpado que não proceda de um desrespeito ao caráter de Deus e do desprezo pela autoridade dele. Assim foi dito do pecado de Davi, quando ele não apenas tinha desprezado a palavra do Senhor”, mas também desprezado o próprio Senhor (Veja 2 Samuel 12:9-10).

Portanto, no arrependimento, somos chamados não apenas a condenar nossos pecados específicos, mas também condenar a nossa insubordinação a Deus que foi a causa deles. Somos instados a condenar a nós mesmos sem reservas e amargamente por termos tratado com desprezo o Senhor da glória, o Rei do universo. Essa é a culpa pela qual somos, acima de tudo, responsáveis. Somente quando percebemos que nossa rebelião contra Deus foi tal que nada além da morte de Cristo poderia expiá-la é que verdadeiramente nos arrependemos.

O Propósito do Arrependimento

O arrependimento genuíno e salvífico é assumir que Deus está certo mesmo que isso vá contra mim mesmo. Não é que nosso arrependimento elimine os nossos pecados, pois não há nada meritório em arrepende-se. O arrependimento não faz reparação de nossa conduta vil passada, nem move Deus a ser misericordioso para conosco. No entanto, o arrependimento é exigido de nós e a misericórdia divina não é demonstrada onde não há arrependimento. Aliás, o arrependimento é projetado para fazer o coração detestar o pecado devido a um profundo senso de sua enormidade infinita e sua corrupção terrível. O arrependimento nos leva a temer o pecado ao nos conduzir a uma percepção profunda da sua culpa tremenda. Somente assim a vontade obstinada é quebrantada e o coração é contrito e preparado para voltar-se para o Senhor Jesus e para buscar salvação somente por meio dele e pela graça.

As Escrituras Mencionam Três Tipos de Arrependimento

Confiemos que já foi dito o suficiente para que qualquer leitor esforçado e piedoso distinga entre um arrependimento falso e um arrependimento verdadeiro; entre um arrependimento salvífico e um arrependimento que não salva. Existem três tipos de arrependimento mencionados na Escritura: Em primeiro lugar, o arrependimento do desespero: Esaú, Faraó, Aitofel e Judas são exemplos; em segundo lugar, o arrependimento da reforma de vida: Acabe e o que foi produzido pelo ministério de Jonas são exemplos desse tipo de arrependimento; em terceiro lugar, temos o arrependimento para a salvação (Atos 11:18; 2 Coríntios 7:10).

É muito importante que aprendamos a distinguir entre a convicção legal e o arrependimento evangélico. Multidões são enganadas nesse ponto, pois elas supõem que, porque foram aterrorizadas pela contemplação da ira futura e por terem abandonado muitos de seus maus caminhos, então, elas de fato se arrependeram. Isso de maneira alguma é assim. Uma convicção legal teme o inferno, já um arrependimento evangélico reverencia a Deus; a convicção legal teme a punição, enquanto a convicção evangélica odeia o pecado; a convicção originada pela lei informa a mente, enquanto a convicção originada pelo evangelho quebra o coração. O arrependimento evangélico não dá desculpas e não tem reservas, mas clama a Deus: “Eu desonrei o teu nome, entristeci o teu Espírito e abusei da tua paciência”.

Quando um pecador percebe verdadeiramente que está em grande perigo, ele deseja com fervor e busca com diligência o livramento, mas isso é incitado pelo instinto natural da

autopreservação, e não pela graça sobrenatural agindo em seu coração. Diga a ele que nada é exigido dele, exceto crer em Cristo, descansar em sua obra consumada e, como um ouvinte do tipo “solo pedregoso”, ele imediatamente recebe a Palavra com alegria e ninguém será capaz de fazê-lo duvidar de sua salvação. No entanto, seu coração nunca foi quebrantado diante de Deus e ele também não tem um verdadeiro amor por Deus. Essas pessoas corrigem seus caminhos e se tornam religiosas zelosas. Elas oram fervorosamente, leem a Bíblia com frequência e, às vezes, até se tornam trabalhadoras ativas para advertir os seus semelhantes. Mas diga a elas que apesar de suas lágrimas, zelo e crença na letra da Escritura, elas merecem ser condenadas tanto quanto antes e que Deus pode justamente recusar a sua misericórdia a elas, e então, é provável que a sua inimizade contra o Senhor rapidamente se manifestará.

Há milhares de almas enganadas no cristianismo, as quais estão iludidas pelos falsos pregadores da moda e amam um Deus que não existe, exceto em sua própria imaginação equivocada. Quão terrível além do que se possa descrever será a decepção delas no mundo por vir. Como disse Joseph Bellamy:

Quão triste e terrível será para tais pobres pecadores quando chegarem a morrer e entrarem no mundo dos espíritos, para descobrirem ali que o Deus que uma vez amaram e em quem confiaram não era nada além de uma imagem formada em sua própria fantasia! Odiavam o Deus das Escrituras e odiavam sua Lei e, portanto, não acreditariam que Deus ou sua lei eram realmente o que eram.

Tais pessoas estavam decididas a ter um Deus e uma lei que estivessem de acordo com seus próprios pensamentos. Quão terrível será a decepção delas! Quão terrível será a surpresa delas! Elas nunca admitiriam que eram inimigas de Deus; agora verão que sua inimizade era tão grande a ponto de as fazer resolutamente, mesmo diante das evidências mais claras, negar que Deus era o que ele era. E quão justos parecerão os líderes de Deus para com elas naquele momento, pois ele as entregou a uma forte ilusão para acreditar numa mentira, porque não amaram nem acreditaram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça.

Quando Deus é considerado meramente como credor e os pecadores como devedores e quando Cristo é visto como aquele que paga toda a dívida de todos que creem, não pode deixar de acontecer que as almas sejam fatalmente enganadas. O fato de Cristo ter obedecido à lei além de sofrer a penalidade dela de maneira alguma significa que estamos isentos de cumprir o nosso dever.

Entretanto, hoje em dia, está sendo ensinado em todos os lugares que Cristo fez tudo e que não há nada a fazer além de crer firmemente nele, que os cristãos não têm nada a ver com a lei, nem mesmo como regra de vida; que os cristãos foram libertos de todas as obrigações a qualquer dever. Porém, a Escritura afirma que Cristo morreu para “purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, dedicado à prática de boas obras” (Tito 2:14) e que, longe de o cristão ser dispensado do dever, suas obrigações são imensamente aumentadas pela graça do evangelho (Romanos 12:1). Mas tudo é visto sob uma perspectiva errada hoje em dia e em vez de Cristo ser considerado como o amigo da santidade, ele é feito o ministro do pecado.

Spurgeon sobre o Arrependimento^[2]

Com certeza o arrependimento deve ser total. Muitos dirão: “Senhor, renunciarei a este e àquele pecado, mas há certos desejos queridos para mim que deverei preservá-los”. Ó senhores, em nome de Deus, permitam-me suplicar-lhes: não é o abandono de qualquer pecado, nem de cinquenta pecados, que constitui verdadeiro arrependimento, mas sim a renúncia solene de todo pecado. Se você abrigar uma dessas víboras amaldiçoadas em seu coração, seu arrependimento será uma farsa; caso você se entregue a apenas um desejo pecaminoso e renuncie a todos os outros, esse único desejo, como um vazamento em um navio, afundará a sua alma.

Não pense ser suficiente abandonar seus vícios exteriores, não imagine ser o bastante tirar de sua vida apenas os pecados mais corruptos. Deus exige tudo ou nada. Ele diz: “Arrependei-vos” e quando ele ordena que você se arrependa, ele quer dizer que você deve se arrepender de todos os seus

pecados, caso contrário, ele jamais poderá aceitar seu arrependimento como sendo real. Ele diz: “Pode enganar a si mesmo o quanto quiser, ó pecador, eu o abomino! Sim, enfeite-se como uma cobra com suas escamas azuis, porei eu ainda o odiarei, pois conheço o seu veneno e irei para longe quando você estiver em sua melhor aparência”.

Todo pecado deve ser abandonado, caso contrário, você nunca terá Cristo. Toda transgressão deve ser renunciada, caso contrário, as portas do céu estarão trancadas para você. Lembremo-nos de que o arrependimento, para ser sincero, deve ser total.

O verdadeiro arrependimento é uma mudança do coração, assim como da vida; é a entrega de toda a alma a Deus para ser dele para sempre; é uma renúncia aos pecados do coração, assim como aos crimes da vida. Ah, caros ouvintes, que nenhum de nós imagine ter se arrependido quando se tem apenas um arrependimento falso e fictício; que nenhum de nós considere ser a obra do Espírito aquilo que é apenas a obra da pobre natureza humana. Não pensemos que nos convertemos a Deus de maneira salvífica, quando talvez tenhamos nos voltado apenas para nós mesmos; não acreditemos que é suficiente termos nos afastado do vício para a virtude; lembremo-nos de que deve haver uma conversão de toda a alma a Deus, a ponto de sermos feitos novas criaturas em Cristo Jesus; caso contrário, não atendemos aos requisitos do texto.

Para finalizarmos o que temos a dizer sobre esse ponto é que o verdadeiro arrependimento deve ser perpétuo. Não é o meu retorno a Deus hoje que será uma prova de que sou um verdadeiro convertido, mas sim abandonar meus pecados ao longo de toda a minha vida, até que eu durma na sepultura. Não devemos imaginar que ser íntegro por uma semana será uma prova de que fomos salvos, mas sim uma abominação contínua do mal.

A mudança que Deus opera não é transitória nem superficial; não é cortar o topo da erva daninha, mas arrancá-la pelas raízes; não é varrer o pó que se acumulou durante um dia, mas tirar o que causa o pó. Você pode hoje ir para casa e fingir orar, você pode hoje ser sério, amanhã honesto e no dia seguinte pode fingir ser devoto, contudo, se você voltar — como a Escritura diz, como o cão ao seu vômito e a porca ao seu lamaçal — seu arrependimento apenas o fará afundar mais profundamente no inferno, em vez de ser uma prova da graça divina em seu coração.

Como eu gostaria que sermões fiéis como este estivessem sendo pregados nos púlpitos chamados ortodoxos e “fundamentalistas” hoje em dia.

Citaremos as palavras de outro sermão^[3] por C.H. Spurgeon:

Aprender de coração o que outros dizem acerca do coração, obter um esboço da experiência de um crente e, em seguida, adotá-lo habilmente como nossa própria experiência, é algo tão simples que, em vez de nos admirarmos de que existam hipócritas, muitas vezes eu me surpreendo que não haja dez vezes mais deles.

Além disso, as graças — as verdadeiras graças interiores — são muito fáceis de serem falsificadas. Há um arrependimento do qual precisamos nos arrepender, mas ele se aproxima o máximo possível do verdadeiro arrependimento. O arrependimento faz as pessoas odiarem o pecado? Existem pessoas que possuem um arrependimento falso e podem detestar algumas transgressões. O arrependimento faz as pessoas decidirem que não vão mais pecar? O arrependimento falso pode fazer a mesma coisa, pois Balaão disse a Balaque: “mesmo que você me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia transgredir o mandado do Senhor” (Números 24:13). O verdadeiro arrependimento faz os homens se humilharem? O falso arrependimento também é capaz de fazer isso, pois Acabe se humilhou diante de Deus e, mesmo assim, pereceu.

A linha que distingue o verdadeiro arrependimento do falso é tão tênue que nem mesmo os olhos de uma águia são capazes de enxergá-la. É somente o próprio Deus e a alma iluminada pelo seu Espírito que podem dizer se o nosso arrependimento é real ou não.

4

Os Frutos do Arrependimento

Para ajudar o leitor preocupado a identificar o verdadeiro arrependimento considere a seguir quais são os seus frutos:

Em primeiro lugar, um verdadeiro ódio pelo pecado como pecado, e não apenas em relação às consequências dele. Um ódio não apenas desse ou daquele pecado, mas de todo pecado, e especialmente da própria raiz do pecado: a vontade própria. Como disse o profeta: “Assim diz o Senhor Deus: “Convertam-se e afastem-se dos seus ídolos; desviem o rosto de todas as suas abominações” (Ezequiel 14:6). Aquele que não odeia o pecado, é porque o ama.

A exigência de Deus é: “Filho do homem, estes homens levantaram ídolos dentro de seu coração e puseram diante de si o tropeço que os leva a cair em iniquidade. Será que eu deveria permitir que eles me consultem?” (Ezequiel 14:3). Aquele que realmente se arrependeu pode dizer com verdade: “Detesto todo caminho de falsidade” (Salmos 119:104). Aquele que antes pensava que uma vida de santidade era algo triste, agora pensa de maneira diferente. Aquele que antes considerava uma vida licenciosa como algo desejável, agora a detesta e resolve abandonar todo pecado para sempre. Essa é a mudança de mente que Deus requer.

Em segundo lugar, uma profunda tristeza pelo pecado. O arrependimento não salvífico de muitos é principalmente uma angústia causada por pressentimentos da ira divina; mas o arrependimento evangélico produz uma tristeza profunda por ter ofendido um ser tão infinitamente excelente e glorioso quanto Deus. Um é o efeito do medo, e outro é o efeito do amor; um dura apenas por um breve período, o outro torna-se o hábito que perdura por toda a vida.

Muitas pessoas se enchem de arrependimento e remorso por uma vida mal vivida, mas não têm uma tristeza aguda no coração por sua ingratidão e rebelião contra Deus. Mas uma alma regenerada é ferida no mais profundo de seu ser por ter desconsiderado e se oposto ao seu grande Benfeitor e Soberano legítimo. Essa é a mudança de coração que Deus exige.

Como lemos em 2 Coríntios 7:9-10: “você foram entristecidos segundo Deus, para que, de nossa parte, não sofressem nenhum dano”. Tal tristeza é produzida no coração pelo Espírito Santo e tem Deus como seu objeto. Essa é uma tristeza por ter desprezado um Deus tão grande, por ter se rebelado contra a sua autoridade e por ter sido indiferente à glória dele. Isso nos faz chorar amargamente (Mateus 26:75). Aquele que não se entristece pelo pecado, é porque se deleita nele.

Deus exige que “aflijamos” as nossas almas (Levítico 16:29). Seu chamado é o seguinte: “Ainda assim, agora mesmo, diz o Senhor: ‘Convertam-se a mim de todo o coração; com jejuns, com choro e com pranto. Rasguem o coração, e não as suas roupas’. Convertam-se ao Senhor, seu Deus, porque ele é bondoso e compassivo” (Joel 2:12,13). Somente a genuína tristeza pelo pecado nos faz crucificar “a carne com as suas paixões e concupiscências” (Gálatas 5:24).

Em terceiro lugar, uma confissão de pecado. Como lemos em Provérbios 28:13: “Quem

encobre as suas transgressões jamais prosperará”. É “natural” para o pecador negar seus pecados, direta ou indiretamente, minimizá-los ou dar desculpas para eles. Foi assim com Adão e Eva no princípio. Mas quando o Espírito Santo opera em uma alma, seus pecados são trazidos à luz, e ela, por sua vez, os reconhece diante de Deus. Não há alívio para o coração aflito enquanto ele agir como diz o Salmo 32:3-4: “Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor secou como no calor do verão”. O reconhecimento de nossos pecados de maneira sincera e com o coração quebrantado é algo imperativo para a manutenção da paz de consciência. Essa é a mudança de atitude que Deus requer.

Em quarto lugar, um afastamento real do pecado. Como disse Spurgeon:

Certamente não há ninguém aqui tão entorpecido com o láudano da indiferença infernal a ponto de imaginar que pode se entregar às suas concupiscências e depois vestir as vestes brancas dos redimidos no Paraíso. Se você imagina que pode ser participante do sangue de Cristo e ainda beber o cálice de Belial; se você imagina que pode ser membro de Satanás e membro de Cristo ao mesmo tempo, você tem menos bom senso do que outras pessoas poderiam imaginar. Aliás, você sabe que mãos direitas devem ser cortadas e olhos direitos devem ser arrancados — que os pecados mais queridos devem ser renunciados — se você quiser entrar no reino de Deus.^[4]

Três palavras gregas são usadas no Novo Testamento para representar diferentes fases do arrependimento. Em primeiro lugar, “*metanoeo*”, que significa uma mudança de mente (Mateus 3:2; Marcos 1:15 etc.). Em segundo lugar, “*metamelomai*”, que significa uma mudança de coração (Mateus 21:29,32; Hebreus 7:21 etc.). Em terceiro lugar, “*metanoia*”, que significa uma mudança de vida (Mateus 3:8; 9:13; Atos 20:21). Essas três coisas devem estar juntas para que haja um arrependimento genuíno. Muitas pessoas experimentam uma mudança de mente, são instruídas e alcançam um bom conhecimento, mas continuam desafiando a Deus. Outras pessoas até são afligidas no coração e na consciência, mas continuam no pecado. Outras pessoas corrigem seus caminhos, mas não por amor a Deus e por ódio ao pecado. Existem ainda outras pessoas que são informadas na mente e ficam inquietas em seus corações, mas nunca reformam as suas vidas. Essas três coisas devem estar juntas.

Como diz o Provérbio: “Quem encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e abandona alcançará misericórdia” (28:13). Aquela pessoa que não se afasta completamente do seu desejo no coração e cada vez mais em sua vida se distancia dos caminhos malignos, não se arrependeu. Se eu realmente odeio o pecado e me entristeço por ele, será que não o abandonarei? Observe cuidadosamente o “noutro tempo” de Efésios 2:2 e “no passado” de Tito 3:3! Como diz o profeta: “Que o ímpio abandone o seu mau caminho, e o homem mau, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele” (Isaías 55:7). Essa é a mudança de estilo de vida que Deus exige.

Em quinto lugar, o arrependimento deve ser acompanhado por uma restituição quando isso é necessário e possível. Nenhum arrependimento pode ser verdadeiro se não for acompanhado por uma completa correção de vida. A oração de uma alma genuinamente arrependida é: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável” (Salmos 51:10). E onde alguém realmente deseja estar correto para com Deus, ele também buscará estar correto para com seus semelhantes. Aquele que, em sua vida passada, prejudicou outro e agora não faz nenhum esforço resolutivo para fazer tudo que estiver em seu poder para corrigir esse erro, certamente não se arrependeu! John G. Paton^[5] conta como, depois que um certo servo se converteu, a primeira coisa que ele fez foi devolver ao seu senhor todas coisas que havia roubado dele!

Em sexto lugar, esses frutos são permanentes. Porque o verdadeiro arrependimento é precedido por uma percepção da beleza e da excelência do caráter divino e de uma apreensão da extrema malignidade do pecado, por ter tratado com desprezo um ser tão infinitamente glorioso, então a contrição e o ódio a todo esse mal são duradouros. À medida que crescemos na graça e no conhecimento do Senhor, de nossa dívida e de nossas obrigações para com ele, nosso arrependimento se aprofunda, nos julgamos de maneira mais minuciosa e assumimos um lugar cada vez mais humilde diante de Deus. Quanto mais o coração anseia por uma vida mais próxima de Deus, mais ele se afasta de tudo o que o impede de fazer isso.

Em sétimo lugar, no entanto, o arrependimento nunca é perfeito nesta vida. Nossa fé nunca é tão completa a ponto de chegarmos a um lugar onde o coração não é mais atormentado por dúvidas. E nosso arrependimento nunca é tão puro a ponto de ficar totalmente livre da dureza de coração. O arrependimento é um ato que perdura ao longo da vida. Precisamos orar diariamente por um arrependimento mais profundo.

Diante de tudo o que foi dito, confiamos que agora está abundantemente claro para todo leitor imparcial que aqueles pregadores que repudiam o arrependimento são “médicos que não valem nada” (Jó 13:4) para as pobres almas perdidas. Aqueles que se recusam a pregar sobre arrependimento estão pregando “outro evangelho” (Gálatas 1:6), diferente daquele que Cristo (Marcos 1:15; 6:12) e seus apóstolos (Atos 17:30; 20:21) proclamaram. O arrependimento é um dever evangélico, embora não devamos confiar nele, pois ele não contribui em nada para a nossa salvação. Contudo, aqueles que nunca se arrependeram ainda estão presos nos laços do Diabo (2 Timóteo 2:25-26) e estão acumulando contra si mesmos ira para o dia da ira (Romanos 2:4-5).

Para citar mais uma vez Joseph Bellamy:

Se, portanto, os pecadores quiserem seguir o caminho mais sábio para se beneficiar dos meios de graça, eles devem tentar se alinhar com o plano de Deus e as influências do Espírito, esforçando-se para ver e sentir o seu estado pecaminoso, culpado e perdido. Para esse fim, devem abandonar companhias vãs, deixar de lado suas coisas mundanas e inúteis, abandonar tudo o que tende a mantê-los seguros no pecado e o que tende a extinguir os impulsos Espírito. Para alcançar esse objetivo, eles devem ler, meditar e orar; comparar-se com a santa lei de Deus, tentar se ver da mesma maneira que Deus os vê e emitir o mesmo julgamento que Deus emite sobre eles mesmos, para que sejam capazes de aprovar a lei e admirar a graça do evangelho; julgar a si mesmos e humildemente aplicar a si mesmos a livre graça de Deus por meio de Jesus Cristo, para todas as coisas, e se converterem a Deus por meio dele.

Resumo

Um resumo do que foi apresentado pode ser útil para algumas pessoas:

1. O arrependimento é um dever evangélico e nenhum pregador tem direito de ser considerado como servo de Cristo se permanecer em silêncio sobre isso (Lucas 24:47).
2. O arrependimento é exigido por Deus nesta dispensação (Atos 17:30), assim como o foi em todas as anteriores.
3. O arrependimento de maneira alguma é meritório, mas sem ele o evangelho não pode ser crido de maneira salvífica (Mateus 21:32; Marcos 1:15).
4. O arrependimento é uma percepção, dada pelo Espírito, da extrema malignidade do pecado e assumir que Deus está certo mesmo que isso vá contra mim mesmo.
5. O arrependimento pressupõe uma aprovação de coração da lei de Deus e um pleno consentimento aos seus requisitos justos, que estão todos resumidos em “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração...”.
6. O arrependimento é acompanhado por um ódio genuíno e tristeza pelo pecado.
7. O arrependimento é evidenciado pelo abandono do pecado.
8. O arrependimento é conhecido por seu caráter permanente. Deve haver um afastamento contínuo do pecado bem como um lamento por cada queda nele.
9. Embora o arrependimento seja permanente, ele nunca é completo ou perfeito nesta vida.
10. O arrependimento deve ser buscado como um dom de Cristo.



A editora *O Estandarte de Cristo* nasceu em 2013 com o propósito de publicar traduções de autores bíblicos fiéis, para a glória de Deus. Fizemos as primeiras publicações no dia 2 de dezembro de 2013 (publicação de 4 eBooks). De lá para cá já são mais de 10 anos e centenas de traduções de autores bíblicos fiéis, sobre diversos temas da fé cristã.

Somos uma editora de fé cristã batista reformada e confessional. Estamos firmemente comprometidos com as verdades bíblicas fielmente expostas na Confissão de Fé Batista de 1689.

OEstandarteDeCristo.com

[1] Nota de tradução: Joseph Bellamy (1719-1790) foi um pastor congregacional americano e um importante pregador, autor, educador e teólogo na Nova Inglaterra na segunda metade do século XVIII. Ele foi discípulo de Jonathan Edwards e, junto com Samuel Hopkins, Timothy Dwight IV, Nathaniel William Taylor e Jonathan Edward Jr., um dos “Arquitetos da Nova Teologia”, um ramo do movimento Nova Luz que surgiu de o Grande Despertar. Defensor da educação tanto para clérigos quanto para leigos, durante meio século em sua igreja rural em Belém, Connecticut, ele treinou cinquenta ministros e fundou o que foi possivelmente a primeira escola dominical americana.

[2] Nota de tradução: Trecho do Sermão 106, *Turn or Burn*, por C.H. Spurgeon.

[3] Nota de tradução: Trecho do Sermão 475, *Self-Delusion*, por C.H. Spurgeon.

[4] Nota de tradução: Trecho do Sermão 475, *Self-Delusion*, por C.H. Spurgeon.

[5] Nota de tradução: John Gibson Paton (1824-1907), foi um missionário protestante escocês nas Ilhas Novas Hébridas (atual Vanuatu).